

Dom, 09 de Dezembro de 2012.
09:50:00.

FOLHA DE S. PAULO | ILUSTRADA
AUDIOVISUAL | NOVA LEI DA TV PAGA

Nova lei da TV paga aquece mercado para roteiristas no Brasil

Enquanto nomes calejados são disputados e têm agenda lotada, novatos encontram dificuldades para se formar

De acordo com Fernando Meirelles, problema começa nas escolas de cinema, onde há poucos aspirantes a escritor

KEILA JIMENEZ COLUNISTA DA FOLHA

Procura-se alguém que goste de escrever, com disponibilidade para trabalhar de dez a 12 horas diárias, inclusive nos fins de semana. É essencial ser devorador de livros, mestre em diálogos e bom cumpridor de prazos. Alguém se habilita? O mercado procura bons roteiristas.

Pedras preciosas da dramaturgia desde sempre, esses profissionais são cada vez mais cortejados por canais ansiosos por se adequar à nova lei de TV paga, que fixa cotas de conteúdo nacional.

Mediadoras do contato entre as redes por assinatura e os escribas, as produtoras independentes alistadas para gerar esse material caçam profissionais competentes, dispostos a trabalhar muito.

Para o diretor Fernando Meirelles, da O2 **Filmes**, a falta de bons roteiristas tem sua raiz nas escolas de cinema, onde a maioria dos alunos quer ser diretor. "Um filme ou um programa de TV é muito mais do autor do que do diretor, mas os créditos não fazem justiça a esse fato", diz.

Segundo ele, outro fator que atrapalha é o fato de certos diretores, ainda que não talhados para as letras, arriscarem-se a assinar roteiros. "A troca e o confronto de sensibilidades com o roteirista é um dos prazeres da profissão de diretor", afirma.

Ele confirma que, com a atual demanda da TV paga, a busca por contadores de histórias nunca foi tão grande.

"Os caras bons nunca têm agenda. Tente conseguir um texto do Jorge Furtado ou do Bráulio Mantovani. Eles vão pedir gentilmente para você pegar a senha para 2017", brinca Meirelles.

TUDO AO MESMO TEMPO

Considerado um dos melhores do mercado, Mantovani se diverte com o que considera serem exageros do diretor da O2.

"Tudo tem dois lados. Paga-se muito mal a roteiristas no cinema, principalmente quando se leva em conta o tempo de dedicação ao trabalho", avalia ele. "Os roteiristas são obrigados a se envolver em vários projetos ao mesmo tempo e, se nenhum dá certo, você fica sem trabalho. Já aconteceu comigo."

Assim como as jornadas de trabalho, longa é a formação de um bom roteirista. Produtores e diretores dizem que dificilmente um profissional desses desabrocha antes dos 30 anos e que só a leitura compulsiva e a experiência de ver as suas obras no ar aperfeiçoam um roteirista.

"O que fez a Globo ser o que é hoje foi o Boni [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ex-diretor geral da rede] ter se preocupado antes de todos em formar um grande time de roteiristas, seus novelistas", acredita Beto Ribeiro, roteirista e produtor-executivo da Medialand. "Tanto que a Globo tem dificuldade em repor esse time até hoje."

O diretor Roberto d'Avila, da produtora Moonshot, diz que, fora da TV aberta, esses profissionais

estão sujeitos a rotinas instáveis e incertezas financeiras. Também julga faltarem cursos de especialização no país e mão de obra com "know-how" para experimentar diferentes formatos de dramaturgia.

"O que há agora é uma excitação grande no mercado, mas não vejo mudança de postura. Há muita produtora procurando projetos prontos e poucas investindo na formação de quadros", aponta.

Autores de teatro migram para a televisão

DE SÃO PAULO

Para suprir a demanda de roteiristas criada pela nova lei da TV paga, autores habituados a produzir para o teatro em São Paulo foram convidados no decorrer deste ano a escrever seriados.

Entre 12 nomes levantados pela **Folha** estão Leonardo Moreira, Rafael Gomes, Sérgio Roveri, Zen Salles, Otávio Martins e Franz Keppler.

Desde agosto, Roveri ("Abre as Asas sobre Nós"), Moreira ("O Jardim") e Gomes ("Música para Cortar os Pulsos") integram a equipe de cinco roteiristas que a produtora BossaNova Films arregimentou para levantar um novo projeto.

Os dois primeiros já venceram o Shell e preferem manter sob sigilo o conteúdo do programa e o canal em que deverá ser exibido. O projeto tem direção de Luiz Villaça, diretor do filme "O Contador de Histórias" (2009).

O movimento de migração para a TV inclui também autores formados em escolas de dramaturgia que surgiram na capital paulista nos últimos cinco anos. Zen Salles ("Agridoce") é um deles. Deixou o Núcleo de Dramaturgia Sesi-British Council há dois anos e, desde o primeiro semestre, passou a roteirizar a série "Sessão de Terapia" (GNT).

TRADUÇÃO

O texto do seriado dirigido por Selton Mello é uma tradução do original israelense, "BeTipul", adaptado nos EUA sob o título "In Treatment".

Mas Salles é responsável pelos diálogos do único personagem que, no Brasil, ganhou texto novo: o policial Breno Dantas (Sergio Guizé).

No teatro, o ator Otávio Martins e o dramaturgo Franz Keppler trabalharam juntos em duas produções que estiveram em cartaz durante o ano: "Córtex" e "Camille e Rodin". A parceria agora se estende à telinha.

Eles se dedicam não a um, mas a dois novos projetos, ainda sem data de estreia.

A dupla não abre o canal e o nome das produtoras que encomendaram os trabalhos. Mas Martins adianta que o formato é de série com 13 capítulos -modelo da TV a cabo americana.

"Tem muita gente fazendo projeto, e o fato de já produzirmos dramaturgia foi considerado, pois estavam em busca de diálogos de qualidade", diz ele.

Um dos seriados se chama "A Gente Tem que Conversar" e sua história se desenvolve em torno do tema da separação.

(GUSTAVO FIORATTI)